

TEMPO DE REVOLUÇÃO

27 DE JANEIRO DE 2022

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI)

EDIÇÃO 15



Biden e a crise do Império

Em meio a mais uma crise internacional, inflação, problemas internos e queda de popularidade, o governo do democrata Joe Biden completou um ano nos Estados Unidos. Quando eleito, Biden disse que iria “escrever uma história de esperança, e não medo. De união, e não divisão”, mas como marcou [um artigo do Jornal O Globo](#), “os meses seguintes mostrariam que escrever esta nova história tem sido tarefa complicada.”

A reprovação ao governo Biden subiu de 34,7% em janeiro do ano passado para 52,3% em 2022, ao mesmo tempo em que a aprovação caiu de 53,9 para 42%. Essa aprovação em queda livre é preocupante para o democrata diante da aproximação das eleições legislativas de novembro, que renovarão toda a Câmara e um terço do Senado.

A revista britânica *The Economist*, [em artigo de 15 de janeiro](#), levantou uma série de “justificativas” para o fato do presidente norte-americano estar “*fadado ao fracasso*” e *concluiu afirmando que “muitos eleitores, especialmente de esquerda, passaram a imaginar que o presidente possui ‘poderes de Super-Homem’*”. Mas a questão é maior que um mero problema de expectativa.

Com a chegada na Ômicron, a pandemia parece longe do fim, a vacinação segue a passos lentos — o país está há meses estagnado nos 62,5% de vacinados —, não pela falta de vacinas, mas pela desconfiança popular nas instituições burguesas e por conta do negacionismo antivacina patrocinado pela direita.

No dia 25 de janeiro o mundo registrou a maior média móvel de mortes por Covid-19 dos últimos quatro meses, o total de 8.209 óbitos. Só nos Estados Unidos, a média atual de mortes diárias é de 2.181. Durante o debate eleitoral com Donald Trump, Bi-

den afirmou que “*qualquer responsável por tantas mortes [na época eram 220 mil as vítimas da Covid-19] não deve continuar como presidente dos Estados Unidos*”. Em um ano de governo, quase o triplo de americanos morreu.

A Covid-19, junto com a crise econômica, tem agravado outro problema: o desemprego. Há 3,6 milhões de postos de trabalhos a menos do que havia no período pré-pandemia. Quase 40% da população economicamente ativa está fora do mercado de trabalho e entre as mulheres, que acumulam o fardo da dupla jornada casa e trabalho, essa taxa é ainda maior.

A inflação subiu 7% em 2021 — [maior aumento anual desde 1982](#) — corroendo o poder de compras, trazendo consigo o aumento das taxas de juros e o medo da estagflação.

Crise na Ucrânia

Na arena internacional, após a vergonhosa retirada das tropas do Afeganistão e do fiasco da COP 26, o governo Biden enfrenta as ameaças da Rússia que movimentou tropas na fronteira do país com a Ucrânia. Apesar do discurso propagado pelos próprios EUA — e fabricado pela CIA para moldar a opinião pública — de que Putin pretende invadir a Ucrânia a qualquer momento, há uma evidente movimentação que objetiva fragilizar o imperialismo norte-americano na região e até o presente momento Putin está vencendo.

Porém, não é o poderio econômico e militar que impede os EUA de tomar uma medida mais enérgica contra a Rússia, trata-se de uma questão política: a forte oposição interna à guerra. A classe trabalhadora norte-americana não está disposta a aceitar mais um conflito em que milhares dos seus filhos são sacrificados em nome do lucro. Por outro lado, dificilmente a Rússia invadirá a Ucrânia apesar de todos os alardes. O que Putin busca é recuperar a sua também abalada popularidade — a Rússia também tem lida-



Gage Skidmore

do de forma desastrosa em relação à pandemia, por exemplo — inflando um discurso nacionalista. Mas Putin tem suas debilidades, entre elas a oposição ucraniana à anexação russa (o que poderia culminar em uma guerra civil).

A crise que atinge os Estados Unidos, o país imperialista mais poderoso do planeta, faz parte da crise do sistema capitalista. Em períodos de crescimento é possível vender a ideia de que há uma relativa estabilidade, mas agora a situação é completamente diferente. Nem Biden nem a burguesia norte-americana podem mais ditar as regras das relações mundiais como costumavam e, assim, estabilizar a situação. Pelo contrário, está se tornando uma força desestabilizadora. Essa instabilidade crescente é a marca do período em que vivemos. É o reflexo de um sistema decadente.

Luta de Classes

Ao mesmo tempo em que crise do capital arrasta milhares para a miséria e para o sofrimento, as possibilidades de combate ao regime também se abrem. O movimento *Black Lives Matter*, em 2020, as mobilizações operárias de 2021, as greves de outubro (chamadas “*Striketober*”) e as mobilizações de estudantes e dos professores de Chicago no início deste ano são exemplos de que para os trabalhadores, para os revolucionários, há perspectiva. Não se trata de um falso otimismo vendido pela classe dominante de que tudo irá melhorar dentro dos marcos do capitalismo, mas sim das possibilidades de derrubar esse sistema e lutar por um sistema genuinamente humano e justo: o socialismo mundial. Essa tarefa pertence aos trabalhadores e à juventude.

EXPEDIENTE

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

Diretor de Publicação:
Serge Goulart

Editor: Evandro Colzani

Conselho Editorial: Alex Minoru, Bruna dos Reis, Caio Dezorzi, Flávio Reis, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo.

Comitê de Redação: André Mainardi, Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Diagramação: Henrique de Macedo

Capa: Evandro Colzani

Jornalista Responsável:
Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

Endereço: Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo - SP
Contato: Tel.: (11) 3104 0111 - jornal@marxismo.org.br



Joe Piette, Flickr

Sobre o artigo de Antônio Risério: racismo de negros contra brancos existe?

| Movimento Negro Socialista

O antropólogo e romancista Antônio Risério escreveu um artigo polêmico na Folha de S. Paulo no dia 15 de janeiro intitulado “[Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo](#)”. O artigo provocou um grande alvoroço e muitas respostas por parte do movimento negro, que se sentiu atacado. Isso, por sua vez, gerou respostas de apoiadores de Silvério.

O mote do texto é tentar provar que é possível que negros sejam racistas, dando exemplos de vários casos em que negros destratam, atacam ou ameaçam pessoas, incluindo chineses, judeus e pessoas de pele branca. Ele cita casos como os “ataques racistas de pretos contra brancos no metrô de Washington. Em um deles, um grupo de adolescentes negros gritava: ‘Vamos matar todos os brancos!’” e os “ataques a idosos brancos no Brooklyn, quando um membro da gangue preta declarou: ‘Fizemos um acordo entre nós de não roubar mulheres pretas. Só pegariamos mulheres brancas. Foi um pacto que todos fizemos. Só gente branca’”.

Assim, o autor busca combater a ideia de que o racismo é algo exclusivo de pessoas brancas e propondo o que o movimento negro identitário intitulou de “racismo reverso”.

Em primeiro lugar é preciso explicar que o racismo é uma ideologia criada pela burguesia para justificar a exploração de um ser humano sobre o outro. Para isso, os burgueses que utilizavam a escravidão como método de exploração da mão de obra (para o acúmulo primitivo) contrataram cientistas e intelectuais para tentar justificar a manutenção dessa exploração, buscando dar um ar de ciência para essa ideologia, anticientífica, que afirma que alguns seres humanos seriam de raças inferiores. Essa ideologia tem dois princípios: o primeiro é que a espécie humana está dividida em di-

ferentes raças e a segunda é que existem “raças” superiores e inferiores. E seu objetivo hoje é o de dividir a classe trabalhadora.

Ou seja, a discriminação racial não surge como algo inerente aos “brancos” ou europeus, como afirmam os identitários. O racismo surge como um interesse da classe dominante em prol de seus interesses econômicos. Por isso, o racismo só surge com o capitalismo, e vai se sofisticando em cada local, de forma diferente no Brasil, EUA e África do Sul, por exemplo.

A questão do racismo está totalmente ligada ao capitalismo, à sociedade de classes, de modo que para pôr fim a ele é fundamental a derrubada do sistema Capitalista

A discriminação racial que os negros sofrem é apenas a ponta do iceberg. Obviamente que esta é a expressão mais dolorida dessa ideologia, afinal, ela corta na pele, literalmente, mas, suas raízes são muito mais profundas.

Tanto Silvério quanto os identitários parecem só enxergar um aspecto do racismo. E aí reside toda a confusão. Os identitários ao verem a expressão prática do racismo atacam seus atores, tirando a conclusão de que o racismo é “coisa dos brancos”, afinal, na maioria das vezes atos racistas são cometidos por brancos contra negros. Esse pensamento racialista é o que explica declarações como a de LeRoi Jones, utilizada para alimentar a crítica de Silvério:

“Nossos irmãos estão se movimentando por toda parte, esmagando as frágeis faces brancas. Nós temos que fazer o nosso próprio mundo, cara, e não podemos fazê-lo a menos que o fiavel branco esteja morto”.

Já Silvério, vasculha casos em que negros trataram mal outros “grupos identitários”, tentando alegar que o racismo estaria em todos nós, logo, sendo algo essencial aos seres humanos. Na prática, ambos não apresentam uma solução para o problema que coloque uma saída radical, que vá nas raízes.

A questão do racismo está totalmente ligada ao capitalismo, à sociedade de classes, de modo que para pôr fim a ele é fundamental a derrubada do sistema capitalista, que se baseia na exploração de um ser humano sobre o outro, que é o que permite que ainda hoje o racismo ainda se perpetue.

Antonio Silvério diz corretamente que “o racismo é inaceitável em qualquer circunstância”, porém, o que faz na prática, é justamente reforçar a divisão entre pessoas negras e não negras, afirmando que os negros podem ser tão opressores quanto, igualando a ação racista criminosa perpetuada pelo capital no mundo inteiro com as ações racialistas de pequenos grupos identitários “radicais”.

Para os trabalhadores, brancos e negros, a saída está na organização enquanto classe pela destruição do capitalismo, colocando as reivindicações reais dos trabalhadores e sua unidade para pôr fim a essa sociedade que se baseia na divisão e na exportação, o fim da sociedade de classes.

Tanto Silvério – que “combate o racismo”, mas faz uma defesa do Estado sionista de Israel – quanto os defensores das teorias identitárias e racialistas estão do mesmo lado: daqueles que dividem os oprimidos, beneficiando os opressores. “Racismo e capitalismo são faces da mesma moeda”, sem um combate a esse regime, não há combate ao racismo.



UM CONVITE À PREPARAÇÃO: PLENÁRIA NACIONAL DOS JOVENS DA ESQUERDA MARXISTA

| Liberdade e Luta

No domingo do dia 30 de janeiro, das 9h às 12h, realizaremos a plenária nacional dos militantes jovens das células da Esquerda Marxista. O objetivo é impulsionar nossas atividades na juventude, alinhar planejamentos nacionais e locais, discutir instrumentos e táticas a serem utilizadas na construção da nossa organização em 2022, trocar experiências e construir coletivamente uma direção jovem. Todos os militantes jovens estão chamados a participar e a convidar seus contatos mais próximos para acompanhar a plenária como convidados. A Coordenação Nacional da Liberdade e Luta (CN-LL) **aprovou a seguinte Ordem do Dia para organizar os trabalhos do próximo domingo.**

Nossa plenária iniciará com uma homenagem à **Revolução Cubana**, marcando os 63 anos dessa revolução, suas conquistas e lições para os dias atuais. Neste ponto também vamos apresentar a próxima publicação da Liberdade e Luta, a brochura sobre as Revoluções na América Latina. O camarada Chico Aviz (SC) está prepara-



rando este informe de homenagem e os preparativos para essa nova publicação.

Em seguida um informe de **situação política** será dado pela camarada Lucy Dias (SP), atualizando a situação que analisamos na Conferência Nacional da Liberdade e Luta em outubro de 2021. Nesse ponto, os camaradas estão chamados a realizar intervenções sobre a situação política, local, nacional e internacional, bem como compartilhar as iniciativas de construção locais, baseadas nas resoluções aprovadas na Conferência 2021 e nas diretrizes envia-

das pela CN-LL, bem como as dificuldades e acertos que tivemos no ano passado.

Após as intervenções e resposta, passaremos ao ponto de construção, que está sendo preparado pela camarada Mayara Colzani (SC). Aqui vamos sistematizar e atualizar as diretrizes de construção com base na situação política atual, organizando encaminhamentos para a construção em 2022, tendo como principais eixos a retomada sistemática de nossa construção em secundaristas, com a construção de grêmios e elaboração de materiais específicos; a campanha “Em defesa do Marxismo” e a preparação de nossos camaradas para intervenções com centros acadêmicos; e a elaboração e lançamento do Boletim Jovens Trabalhadores. Esses eixos estão alinhados com a nossa tática de enraizamento na juventude, através da construção de núcleos da Liberdade e Luta.

Por fim, realizaremos o encerramento com o lançamento do novo **site da Liberdade e Luta**, que já está no ar! O ponto está sendo preparado pela camarada Verônica Chypriades (SP) que vai explicar aos camaradas o trabalho técnico que estamos realizando, alguns exemplos de como utilizar o novo site



para a construção e a nova proposta editorial que estamos elaborando.

Realizamos importantes avanços em 2021, qualitativos e quantitativos, na juventude. A retomada da construção dos núcleos como tática de enraizamento está auxiliando na formação dos camaradas em aspectos teóricos e organizativos. Outro aspecto positivo é o fortalecimento do nosso trabalho a nível nacional com os recrutamentos e eleição da CN-LL que atuará em 2022, com ela, estamos trabalhando coletivamente no desenvolvimento de uma nova camada de quadros jovens da Esquerda Marxista. Por fim, as **resoluções aprovadas na Conferência Nacional da Liberdade e Luta 2021** aprofundam nossa compreensão sobre cada frente de intervenção e desenvolvem a tática de enraizamento de maneira especializada.

Essa plenária será o pontapé inicial que dará continuidade aos avanços que temos conquistado, por isso, é muito importante o

combate cerrado para que cada camarada jovem participe ou informe justificativa de sua ausência. Estamos preparando um momento para nos apoiar no coletivo para reagir política, teórico e praticamente às pressões materiais e psicológicas que estamos sendo submetidos pelo capitalismo e sua crise, pela pandemia e o descaso com nossas vidas e futuro.

Combater pela presença dos camaradas é fundamental, assim como sua preparação política nacional, local e individual. Cada camarada está chamado a reler os documentos enviados e aprovados, a se atualizar na situação política, a refletir sobre as atividades que empreendemos e o balanço que fizemos e participar da plenária de maneira ativa, com proposições, com elaborações, com suas sugestões e dúvidas. Temos certeza de que assim essa plenária renovará as energias de cada um para os grandes combates que estamos chamados nesse ano.

Ao combate camaradas e até domingo!

Ordem do dia

09:00 – 09:30: Abertura: homenagem à revolução cubana

09:30 – 10:15: Situação Política e perspectivas juventude 2022

10:15 – 11:15: Intervenções e resposta

11:15 – 11:45: Construção 2022

11:45 – 12:00: Lançamento do novo site e encerramento



Retomar o Sinsej de classe, independente e de luta

Corrente Sindical Esquerda Marxista Joinville

Corrente Sindical Esquerda Marxista



Greve Campanha Salarial 2017

Nos últimos três anos, sob a direção da corrente O Trabalho, do PT, presenciamos um retrocesso sem igual para o conjunto da categoria dos servidores públicos de Joinville. Por outro lado, é impossível apagarmos da história recente da categoria que, após os mandatos da Corrente Sindical Esquerda Marxista (CSEM) no comando do sindicato de 2010 a 2019, uma das principais conquistas foi o restabelecimento da democracia nas instâncias deliberativas, com a criação do Conselho de Representantes. Essa conquista política e organizativa da categoria, ampliou a participação nas decisões a partir de cada unidade de trabalho, mobilizando de fato os trabalhadores para resistir aos ataques e ampliar direitos.

Nesse exercício de democracia, próprio da tradição operária, cada membro do conselho abria debates no próprio local de trabalho e trazia as demandas para as reuniões, de forma que as decisões tomadas tivessem amparo e traduzissem as reais necessidades da categoria. O papel da

direção nos três mandatos da CSEM foi mediar a luta a partir da base, organizando as pautas, levando informações e articulando a categoria para a luta - sem falsas ilusões na justiça burguesa - nas reuniões de gabinete e no parlamento que representam os pilares mais fortes que sustentam o sistema capitalista, que visa somente à exploração da força de trabalho pela burguesia sem se importar com as nefastas condições de vida da classe trabalhadora.

A categoria assistiu pouco a pouco o desmonte do Conselho de Representantes, o autoritarismo e a burocracia se instalarem nas reuniões e assembleias onde as críticas não eram ouvidas, sob a alegação cínica e infantil de que divergir nos encaminhamentos políticos da direção é dividir a categoria. O personalismo tomou conta em momentos cruciais como na greve da campanha salarial e reforma do Ipreville de 2020 em que a direção do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Joinville e Região (Sinsej) decidiu, por meio de um método completamente estranho à base, ocupar, com

uma minoria, o gabinete do prefeito sem discussão e deliberação em assembleia, desviando a atenção do que era realmente necessário fazer naquele momento: organizar os comandos de greve para aumentar e fortalecer o movimento.

Nossa política é pelo convencimento da categoria de que somente a unidade, organização e a luta nas ruas são capazes de trazer dignidade à classe trabalhadora e ao serviço público.

O gosto amargo do resultado, todos lembram, além da desmoralização da ocupação mal fadada, a categoria ficou refém da desarticulação da direção, aceitando somente a re-

posição da inflação, tendo que arcar com os prejuízos dos dias parados e sem nenhum avanço na pauta de reivindicações.

A Reforma do Ipreville barrada naquele momento com o início da pandemia se estendeu até 2021, quando foi aprovada após a direção virar definitivamente as costas para a mobilização dos trabalhadores, optando publicamente por uma postura de conciliação de classe com setores da direita, [promovendo articulações com vereadores historicamente inimigos dos servidores](#).

Outro episódio foi a auditoria das contas do Ipreville, contratada e paga pelo Sinsej, que só constatou a situação caótica do Instituto, desviando, iludindo e arrefecendo a luta verdadeira dos trabalhadores, que deveria ter sido pelo arquivamento do projeto de reforma.

É notório que a direção do Sinsej não educa a categoria, ao contrário, tenta mostrar pela linha do reformismo, que a judicialização das questões trabalhistas podem resolver todos os problemas dos

trabalhadores. Acreditar no Parlamento e na Justiça burguesa para defender os nossos direitos é o maior engodo e deseducação que se pode fazer com a nossa classe. Essa direção deu provas públicas de que não acredita no poder de mobilização da classe trabalhadora, deixou de investir na mobilização da categoria para as assembleias e paralisações, jogando, depois do fracasso, a responsabilidade do desânimo e falta de participação nas costas dos próprios trabalhadores. Mas a verdade é que a categoria deu provas contundentes de que não confia nessa direção.

A atual presidente Jane Becker, militante da corrente O Trabalho do PT, fez com que a sua diretoria se diluísse pelo autoritarismo, denunciado em carta aberta pelos membros que deixaram a direção. [A falta de clareza e alinhamento político entre os membros](#), mascarando o partidarismo - que diziam não ter - para ganhar votos nas últimas eleições, investindo na desmoralização de qualquer membro ou grupo que discordasse de



Greve Campanha Salarial 2011

suas teorias e encaminhamentos, manipulando as discussões e votações nas assembleias, invariavelmente esvaziadas, foi uma das marcas desta gestão.

O ano de 2021 foi marcado pela constatação do abismo que se criou entre a base e a entidade sindical. Paralisações e greves esvaziadas culminaram no sacrifício de poucos servidores que amargaram grandes descontos em folha salarial. O ano terminou com uma cena repudiável por parte da direção, marcando o quanto essa trajetória foi suja. A última [assembleia do ano](#) tinha como um dos pontos de pauta a escolha do presidente da comissão eleitoral para 2022 e havia dois candidatos: o advogado indicado pela direção do Sinsej e o advogado indicado pelos servidores militantes e apoiadores da Esquerda Marxista. Após a contagem displicente dos votos, que deu vitória para o candidato da atual direção por 2 votos de diferença, houve dúvidas e foi solicitada uma nova contagem. A presidente negou, sem nem mesmo consultar a assembleia, causando tumulto e esvaziamento da atividade. Essa postura deixou nítida a falta de transparência,

de democracia e de honestidade. Partindo disso, o que podemos esperar do processo eleitoral que se aproxima e que será conduzido por esse grupo?

Enquanto o que há de mais sórdido no movimento sindical toma conta do Sinsej, os servidores, além de não progredirem na conquista de direitos e melhores condições de trabalho, ainda vem perdendo direitos que, historicamente foram conquistados à custa de muitas lutas e que hoje são esquecidas e jogadas no lixo por quem deveria estar organizando a resistência, mas



está mais preocupado com a manutenção do aparelho sindical, especialmente em um ano eleitoral.

A pandemia de Covid-19 agravou o cenário de retirada de direitos e péssimas condições de trabalho de trabalhadores de todo o país e consequentemente dos servidores de Joinville. Mais uma vez a categoria se viu abandonada pela direção do Sinsej, que se negou a intervir efetivamente para defender os servidores, principalmente os trabalhadores da saúde, da educação e da Secretaria de Assistência Social (SAS) que com suas necessidades específicas não receberam a atenção e motivação para enfrentar a gestão que negou os direitos básicos da categoria num momento tão delicado.

Nós, da Corrente Sindical Esquerda Marxista, o tempo todo alertamos que a luta da categoria deveria ser unificada exigindo da prefeitura a realização de concurso público para repor os servidores que faltavam em todas as áreas, a disponibilidade de equipamentos de proteção, a organização do atendimento a pessoas infectadas pela Covid-19, de modo a diminuir o risco de contaminação, tanto para os servidores como para a população em geral. Na

educação, a garantia de computadores e acesso à internet para os alunos e professores no ensino remoto, o direito ao afastamento para todos os servidores do grupo de risco e o não-retorno às aulas presenciais. Que fosse priorizada também a vacinação dos servidores da SAS, que estavam na linha de frente atendendo a parcela da população mais vulnerável e que mais sofreu com os impactos da pandemia. Além, é claro, da [defesa à saúde física e mental dos servidores da saúde que combatem a pandemia no front](#) e que viveram momentos desesperadores, enquanto a gestão municipal assistia de braços cruzados ao sistema de saúde entrar em colapso e a direção do Sinsej fingia que nada tinha a ver com o assunto.

Mais uma vez a direção optou por não ouvir o Conselho de Representantes e fez reuniões setorizadas, manifestações pontuais que não tinham adesão, o que somente foi fragilizando a categoria e permitindo o avanço dos ataques da gestão, que culminou com o retorno às aulas presenciais em plena pandemia, o acúmulo de horas negativas aos servidores da educação, o adoecimento e exaustão dos servidores da

saúde e o golpe final com a aprovação da Reforma da Previdência do Ipreville, retirando o direito de toda a categoria de se aposentar e impondo a perda salarial de mais 3% no salário até o fim da carreira.

Diante de tantos golpes, perdas e retrocessos, nós estivemos em todo momento fazendo a discussão nas instâncias do sindicato, alertando e convidando os servidores para se organizar com os métodos de luta da classe trabalhadora, sem falsas ilusões nas instituições burguesas e no discurso de neutralidade e apartidarismo que ilude os trabalhadores, pois todo posicionamento tem um lado e ele será sempre a favor ou contra a organização e a luta por direitos dos trabalhadores.

Dentro desta perspectiva de formação, educação e organização da nossa base, disputaremos a eleição do Sinsej para restabelecer o pleno funcionamento das instâncias democráticas de decisão, os métodos corretos de luta e organização da categoria, o retorno da direção do Sinsej à base com visitas, discussões, informativos e mobilização para reverter os ataques que já foram implementados e lutar pela ampliação dos nossos direitos, tendo claro que nossa categoria já demonstrou inúmeras vezes a sua força e disposição para a luta!

Nossa política é pelo convencimento da categoria de que somente a unidade, a organização e a luta nas ruas são capazes de trazer dignidade à classe trabalhadora e ao serviço público. Para isso, as massas precisam de uma direção que tenha clareza de quais caminhos devem ser tomados numa batalha. Sem nenhuma espécie de conchavo com os inimigos da nossa classe e nas suas instituições.

Convidamos todos os servidores que concordam com a nossa linha política a procurar a [Corrente Sindical Esquerda Marxista](#) para, juntos, discutirmos os novos rumos da nossa luta para termos de volta um sindicato classista, independente e de luta que faça jus ao tamanho e importância da nossa categoria!

O Podcast da Esquerda Marxista analisa o surgimento e a destruição da Alemanha Oriental

| André Mainardi

No próximo dia 1º de fevereiro estreia a terceira temporada do Podcast da Esquerda Marxista. Este ano nossa programação terá 11 episódios, trazendo mensalmente análises teóricas sobre os grandes eventos da história do movimento operário, para os nossos ouvintes. O 41º episódio de nossa trajetória vai ser um especial, dividido em duas partes, sobre os pouco mais de quarenta anos de existência da Alemanha Oriental.

O objetivo dessa exposição é demonstrar na prática - através da reconstrução da curta trajetória histórica desse país - os limites e os equívocos do modelo stalinista de Estado, que em última instância levou a República Democrática da Alemanha a seu próprio colapso e destruição. Também apontaremos as trágicas consequências da brutal restauração do capitalismo que impactaram dramaticamente, e de imediato, na vida de milhares de trabalhadores alemães.

Na primeira parte faremos um apanhado dos

primeiros anos dessa república, surgida dos territórios alemães ocupados pelas forças soviéticas após a Segunda Guerra Mundial. A partir de seu surgimento, quando a administração foi transferida por Moscou aos burocratas alemães em 1949, faremos um raio-x no modelo de Estado burocraticamente degenerado ali implantado, o diferenciando do Estado operário genuíno proposto por Karl Marx e Lênin. Passaremos também pela revolta popular de 16 de junho de 1953, esmagada pelo Exército Vermelho e as forças de segurança locais, comandadas por Lavrenti Beria, chefe da polícia secreta de Stalin.

A violenta repressão a esse levante aprofundou as evasões dos cidadãos do Leste para a Alemanha Ocidental, acelerou a já programada desgraça de Beria e marcou o início da ecalada nas tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética que levaram à Crise de Berlim em 1961, que no limite forçou a burocracia comandada por

Walter Ulbricht a fortificar as fronteiras e construir o famigerado muro entre as duas Alemanhas.



Na segunda parte, que irá ao ar dia 8 de fevereiro, traçaremos um panorama da economia da Alemanha Oriental. Explicaremos como esse país, "ressurgido das ruínas", como diz o seu lema nacional, se tornou, no curso de alguns poucos anos, um dos países mais industrializados e avançados tecnologicamente entre todos os regimes do Leste Europeu. Analisaremos também como se deu o declínio da Alemanha do Leste, bem como o de todos esses regimes no final dos anos



The U.S. National Archives

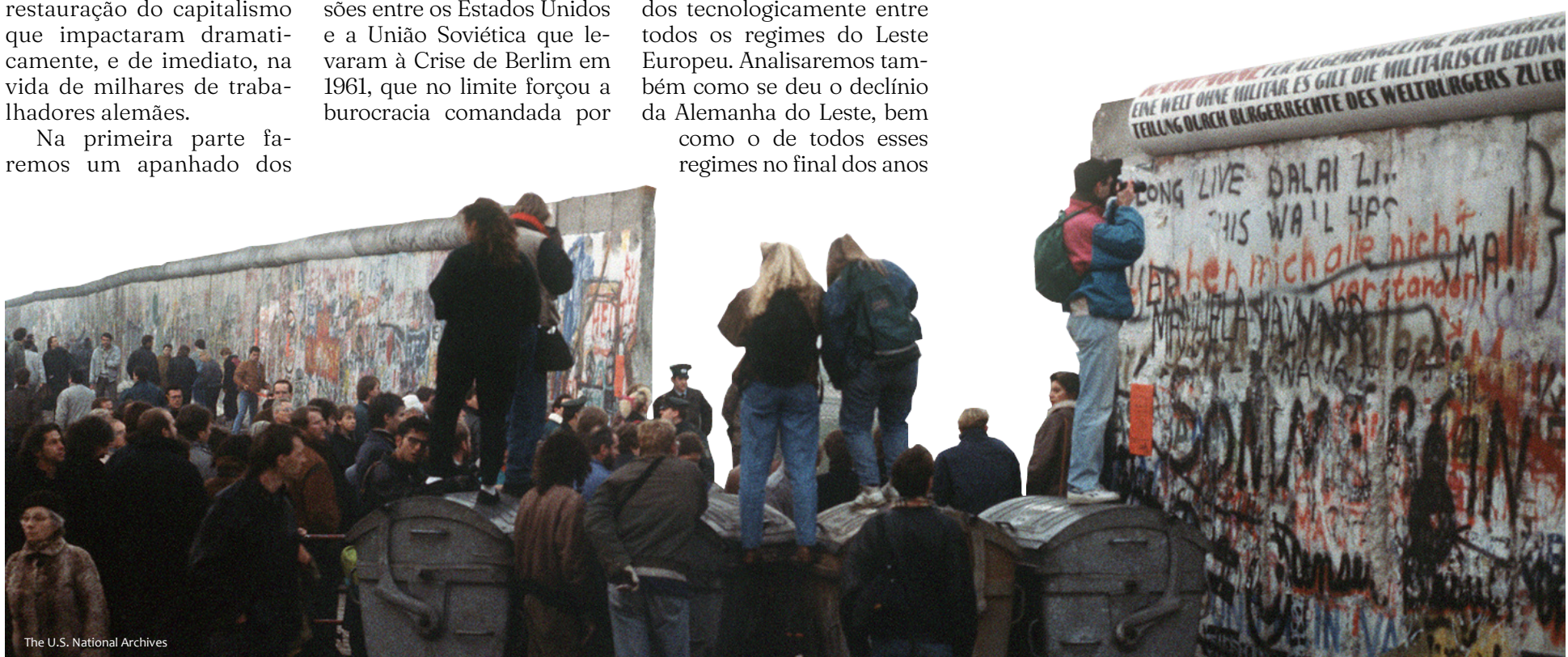
de 1980, causado por anos de gestão burocrática da produção, sem nenhum controle por parte dos trabalhadores.

Com o objetivo de contornar a grave crise, as alas reformadoras dessas burocracias, tomando como exemplo a Glasnost (reestruturação) e a Perestroika (abertura) de Mikhail Gorbachev, tentaram uma manobra que consistia em uma reforma tardia, desde cima, tentando fazer uma restauração do capitalismo, nos seus próprios termos, preservando assim seus privilégios. Eles só não contavam que essa manobra desatariaria forças centrífugas que fugiriam do seu controle.

Em 1989, uma onda de levantes populares varreu esses países do Leste Europeu, derrubando os regimes stalinistas como se fossem castelos de cartas. Na hora da verdade, esses Estados monstruosos, de um partido só, di-

rigidos por burocracias monolíticas, guardados por um colossal bando de homens armados - entre polícia, polícia secreta e exército - provaram ser apenas gigantes com pés de barro. A Alemanha Oriental, no final de 1989, tornou-se o epicentro dessa crise, que levou à demolição, primeiramente espontânea, do Muro de Berlim, ao esgotamento do regime e por fim à reunificação das duas Alemanhas e à tragédia da restauração do capitalismo.

O que, de fato, foi a reunificação das Alemanhas? Como foi o processo de desmonte da economia planificada do Leste alemão e como isso impactou na vida de seus, na época, 16 milhões de habitantes? Afinal, como foi destruída a Alemanha Oriental? Descubra no próximo episódio do Podcast da Esquerda Marxista.



The U.S. National Archives

Universidade Marxista Brasil discutirá a Revolução Cubana

| Bruna Reis

“A 31 de dezembro de 1958, a coluna nº1 José Martí, comandado por Fidel, estava, como também a Rádio Rebelde, em Palma Soriano, próximo a Santiago de Cuba. Palma era a cidade mais importante que havíamos tomado, avançando sobre Santiago pela rota central com a coluna nº1. Era um momento em que a luta revolucionária se precipitava. O Che havia entrado em Santa Clara, no centro de Cuba, com as forças de Escambray; as forças da segunda frente oriental haviam tomado 14 quartéis e aproximavam-se de Guáantanamo e de Santiago. As eleições de 3 de Novembro haviam significado uma derrota retumbante para a tirania. Mais de 80% da população absteve-se, se bem que o voto fosse obrigatório. O exército, desmoralizado, não queria mais lutar.”

Extrato do Jornal da Revolução Cubana, de Carlos Franqui

Cuban Archives

Escolhi para esse convite somente um dos tantos textos que já foram escritos sobre Cuba. Citado no livro “A revolução proletária e os Estados Operários Burocráticos”, no capítulo dedicado à insurreição mais famosa das Américas, Stéphane Just explica que é muito natural depreender de algumas análises uma falsa conclusão: a derrubada de Batista, a entrada das colunas militares de Fidel Castro em Havana e a expropriação do capitalismo vieram de cima. Ao contrário, essas conquistas não foram arrancadas pela tática de guerrilha, mas conquistadas pelo proletariado e as massas camponesas cubanas.

Ainda no final de 1959, os dirigentes do Movimento 26 de Julho situavam sua política nos limites do regime capitalista. Em 17 de abril, Nova York, Fidel afirmava:

“... nós não somos comunistas... As portas estão abertas para os investimentos privados que contribuam para o desenvolvimento da indústria em Cuba... É absolutamente impossível que nós possamos progredir se não nos entendermos com os Estados Unidos.”

O autor ainda cita outro discurso, no Central Park, quando Castro diz que a vitória da revolução foi re-



Fidel Castro, um dos principais dirigentes do movimento 26 de julho.

sultado da união de todas as classes da ilha. Uma postura nacional-desenvolvimentista, que aparecia, não só nos discursos, mas também na forma como a primeira reforma agrária, de 17 de maio, foi realizada. Entre outros problemas, previa indenização pelo Estado aos grandes proprietários. Ou seja, não passava de uma tentativa de abafar e canalizar o movimento camponês que não havia esperado, e estava realizando a reforma agrária a sua maneira.

Mas mesmo sob essa forma, foi intolerável para os capitalistas cubanos e os imperialismo norte-americano que, além de possuir imen-

tas propriedades e controlar a economia do país, ainda temia que o exemplo de Cuba se espalhasse por toda América Latina. A ofensiva contra a revolução que se seguiu, obrigou a direção a decidir: capitulava e chocava-se com as massas, ou aprofundava a ruptura com o imperialismo.

As milícias operárias e camponesas, formas embrionárias de poder em nível local, surgiram da iniciativa das massas. Mas não só. Em seu Jornal, Franqui também explica o peso da greve operária nacional durante uma semana após a tomada do poder:

“este foi um fator decisivo da vitória, que anulou as tentativas de golpe militar, de mediação norte-americana, e consolidou o poder revolucionário. (...) Para compreender a importância decisiva da greve, é necessário dizer que quando o general Cantillo fazia sua tentativa de golpe militar, ele tinha o apoio da sempre poderosa

embaixada dos Estados Unidos, da Corte suprema, das classes abastadas e ricas do país, dos velhos políticos, da Igreja, da imprensa tradicional e dos setores conservadores do país; além disso, tinha o exército, a polícia, e os corpos repressivos da tirania com várias dezenas de milhares de homens que possuíam todas as armas, enquanto que o exército e as milícias rebeldes não contavam com mais de 5.000 homens armados, dos quais muitos sem fuzis, por todo o país. A greve pesou de maneira decisiva na balança para desarmar psicologicamente os militares. Do mesmo modo que a recusa maciça do povo em votar nas eleições de 3 de novembro de 1958 havia sido um outro fator decisivo. A greve geral foi o instrumento de sua vitória...”

O primeiro módulo da UMB de 2022, dando prosseguimento ao estudo dos militantes e simpatizantes da Esquerda Marxista so-

bre as revoluções proletárias, acontece no dia 19 de fevereiro. Para participar, você deve se inscrever aqui. Assim, receberá muitos textos que já publicamos sobre Cuba em nosso site, revista, além do livro de Luiz Fernando Ayerbe e o capítulo citado nesse artigo, que embasam o informe, que tratará da história de Cuba, antes e durante a revolução, as lições que podemos sacar dessa experiência proletária e a situação de Cuba hoje.



INSCREVA-SE!



Quando? 19/02

Horário: 15h

Clique e faça sua inscrição